ANO 1.º LISBOA—SEXTA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 1922 N.º 280

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDAÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redação, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

OS MAPAS DO BANCO DE PORTUGAL

Já há dias nos referimos aos gráficos elaborados com tanta competencia técnica pela «Divisão de Serviço do Tesouro», do Banco de Portugal, que nos põem, diante dos olhos, quasi todos os aspectos da nossa vida financeira, sobretudo no que respeita aos azares da nossa moeda.

Um deles intitula-se «Mapa comparativo do cambio sobre Londres por médias mensais durante os anos de 1907-1921».

Como já várias vezes aqui dissémos, o desenvolvimento das relações internacionais criou entre os povos laços tão estreitos que eles vivem num regime rigoroso de inter-dependencia. Basta dizer-se que há quarenta anos o comercio exterior das principais nações do mundo não excedia 40 biliões de francos, ao passo que, antes da guerra, ia já bastante além de 200 biliões. Actualmente, esta soma enorme deve achar-se sobremaneira acrescida.

Há povos, cuja balança economica se salda a seu favor. Outros, e neste numero estamos nós, saldam-na com *deficit*. Para cobrir este, vêem-se obrigados a adquirir ouro. O agio não é mais que um resultado da lei da oferta e da procura. Quando um país se encontra numa posição economica próspera, com finanças desafogadas, crédito firme e seguro, o ouro não lhe falta, porque a sua moeda não padece qualquer quebra no seu valor. O cambio ao par ou próximo do par, traduz uma situação tão invejavel.

Apenas, porém, qualquer crise dificil vem transtornar este equilibrio, os mercados estrangeiros mostram-se desconfiados e cautelosos. O credito dificulta-se. O premio do ouro é uma consequencia natural e directa deste estado de coisas. O mapa n.º 1 do Banco de Portugal indica, em relação a nós, os movimentos descendentes da desvalorisação da nossa moeda. Como produtos se trocam contra produtos e nós nunca conseguimos equilibrar a nossa balança de comercio, tendo de contar com certas fontes de ouro que não eram um resultado da nossa acção produtiva, a guerra, depauperando-nos internamente, enfraqueceu tambem aquelas fontes.

Ajunte-se a isto a acção perturbadora do Estado perdulario, nunca cuidando de regular as suas contas, vivendo sempre com deficit, reclamando continuos aumentos de circulação fiduciaria e perceber-se-ha como de 1907 para cá o nosso cambio sobre Londres se tem agravado.

A estas influencias depressivas podemos acrescentar mais outras — a guerra ruinosa para todos os povos, as nossas muitas revoluções politicas, o aumento das despezas publicas, o furioso mercantilismo, a especulação, emigração de capitais e a ansia de viver sem trabalhar. Só assim se compreenderá que a libra esteja a 58$00.

FECUNDIDAD REVOLUCIONARIA

(Do jornal de Madrid, «La Accion»)

Nuestra vecina Lusitania—¡¡¡Todas chicas!!!

RECEBEMOS um telegrama de Londres, escrito naquele estilo de agencias telegraficas, que nos dá uma noticia interessante.

Como se sabe, as mulheres de mais de vinte e oito anos, em condições de elegerem, tinham o direito de pertencer á Camara dos Comuns.

Mas como as mulheres não gostam de ter vinte e oito anos, ficando-se quasi sempre pelos vinte e cinco, deu-se o caso de não elegerem ninguem.,.

Acabam, porêm, de obter um triunfo inesperado. A viscondessa de Rhanda tomou o logar que lhe competia na Camara dos Lords (e, agora, das Lordas) por morte de seu pai.

Como não é egoista, a primeira coisa que fez na Camara, foi lembrar aos seus colegas que, nas condições dela, havia muitas mulheres, filhas de lords, com direito a sentarem-se naquelas cadeiras.

A camara inglesa pôz-se a pensar, viu que era verdade e em vista disso vinte e três *lordas* vão tomar o seu logar não por direito de conquista, porque as mulheres inglesas, pelo visto, preferem conquistar os homens, a conquistar cadeiras, mas por direito de hereditariedade.

Assim a respeitavel Camara dos Lords vai mudando de sexo..,

* * *

MADEMOISELLE Germaine Buchet foi eleita rainha das rainhas, no dia 27 de fevereiro. As eleitoras reuniram-se no salão do Palacio das Festas, de Paris. O apuramento tornou-se dificil, porque a votação repartiu-se muito.

Por fim, mademoiselle Germaine Buchet cingiu a corôa, recebendo 20:000 francos em notas e 10:000 num titulo.

Esta realeza, que dura um ano e que nenhuma revolução pode apear, adquire-se principalmente, apresentando um *joli minois*. E' tambem de toda a conveniencia que, quando a rainha inclina a cabeça, não perca de vista que entre a turba deve estar o seu noivo...

* * *

UM TELEGRAMA de Berlim, diz-nos que a Crimeia foi, *oficialmente*, considerada uma região de fome.

E' uma medida oficial que certamente não vai diminuir os males da Crimeia.

Esperemos todos que Portugal não venha a ser considerado *oficialmente* pelos circulos oficiais, uma região... de revoluções.

* * *

DE Valeriano de Campos recebemos a *Chama de Angustia*, evocação dramatica de Soror Mariana Alcoforado. Trata-se de uma reconstrução do caso amoroso da freira de Beja. A seu tempo publicaremos um trecho.

* * *

ESTÁ já á venda o n.º 3 da *Educação Portuguesa*, revista de pedagogia, sciencia, arte e literatura, que se publica no Porto, sob a direcção de Augusto Lessa.

* * *

O GOVERNO resolveu nomear para a Agencia Financial do Rio de Janeiro um tecnico em missão especial.

* * *

FOI demitido o 2.º oficial do caminho de ferro de Inhambane, sr. Antonio Fernandes Ermida.

O infante D. Afonso repousa, emfim, no Panteon de S. Vicente. Ninguem mais interromperá o seu sono, que o proprio tempo tem que respeitar. Saiu de Portugal por uma revolução; a Portugal regressou, para que os seus despojos mortais encontrem a comunhão dos seus maiores, gelados pelo abraço da morte. Filho de reis, sofreu no exilio algumas provações.

Como a eternidade é sem fim, é de crêr que, não obstante as muitas tempestades que assolam a nossa terra, todos nós acabemos por nos reunir num derradeiro perdão.

* * *

DE Penamacor queixa-se o correspondente do *Seculo* contra o descarado contrabando de gados e produtos agricolas, sendo insuficiente a guarda fiscal para vigiar a fronteira.

Como o egoismo dos traficantes é maior que o seu patriotismo, poder-se-ia talvez esperar que o ventre um dia se lhes faça tamanho que eles não possam dar um passo, sem se lembrarem dos seus crimes.

* * *

NA rua Augusta, trespassou-se uma casa de chapeus de senhora por cem contos. Com esta soma fazia-se pelo menos a felicidade, modesta e tranquila, de duas familias pobres. Prefere-se, no entanto, que os chapeus das senhoras absorvam quantias fabulosas, porque assim ha a certeza de que as mulheres não se perdem... com miserias.

* * *

HÁ ruas de Lisboa verdadeiramente intransitaveis—buracos, pedregulhos, arestas, imundicies, etc. Como a Camara Municipal não tem recursos para reparações nem concertos, tudo leva a crêr que, dentro de pouco tempo, a capital readquira a sua antiquissima fisionomia marroquina.

* * *

LE *FIGARO* publicou um artigo, defendendo Portugal dos maus juizos que a nosso respeito correm.

Vamos ver como nós, cá dentro, nos portamos, para depois nos convencermos de que não necessitamos de defensores, lá fora.

* * *

EM virtude de remodelação dos serviços telegrafo-postais da provincia de Moçambique, foram mandados ficar adidos ao respectivo quadro, três primeiras oficiais; 10 terceiros oficiais, três guardas fios chefes e 12 ajudantes.

* * *

O SR. Sá Pereira disse ontem na Camara que trabalha por uma sociedade melhor, com pão para todos, vestuario para todos. Afigura-se-nos que não ha maneira mais *emancipada* de ser cristão.

* * *

FORAM concedidos 4.200 hectares de terreno em Matibane, Moçambique, ao sr Gastão Pinto Basto e 45.000 em Quinga, ao sr. Eurico Pimentel Dias.

* * *

FOI exonerado de delegado da comarca de Quelimane o sr. Gonzaga Alvares.

* * *

FOI exonerado de director da alfandega de Tete, o sr. Julio Antonio Franck.

EXPOSIÇÃO DO RIO

Os marmores do Alvito

O comercio de marmores tem tido cada vez maior expansão, especialmente para o Brasil, que até agora os tem importado principalmente da Italia, não obstante serem de inferior aos das nossas pedreiras.

Em 1920 a importação feita pelo Brasil de marmores oriundos da Italia, França e Belgica, foi onze vezes mais do que em 1913, pelo que se vê quanto pode beneficiar o nosso país a representação no grande certamen do Rio de Janeiro dos marmores portugueses, como os de Estremoz, Pero Pinheiro e muito especialmente os de Alvito cuja qualidade excede quantos são conhecidos, segundo a abalizada opinião do distinto engenheiro S. Libermann. Na verdade, a dois quilometros de Alvito, nas assentadas percambricas que se estendem por algumas leguas, existem riquissimos jazigos de marmores cristalinos, dos quais é rendeiro o sr. José Ernesto de Poças Falcão.

Estes marmores conhecidos desde longa data e que se encontram na herdade do Zambujal, são sacaroides de primeira qualidade, de grão muito fino, translucidos, umas vezes de côr branca com natural uniformidade, outras venados ou manchados de côr rosea ou verde. Participam eles das qualidades dos de Carrara, sendo mais brandos que os de Estremoz e oferecendo um bom côrte em qualquer direcção, quando sujeitos á apilhagem, permitindo com facilidade o ornato e dando magnifico polimento.

Teem estes marmores a superioridade sobre os italianos de não conservarem rasto de qualquer mancha, facto que os torna recomendaveis, não só á grossa cantaria, como ao mobiliario, estatuaria e toda a especie de artigos de luxo.

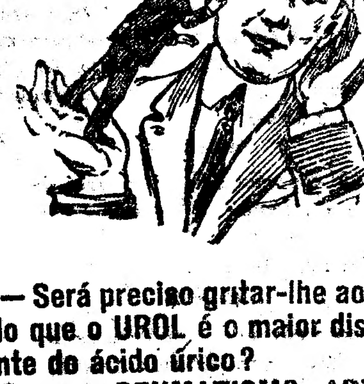
O mais curioso, porém, é a existencia dum macisso de marmores pretos, na herdade de Covas Ruivos, qualidade esta muito procurada no estrangeiro, não só para lapides como para artigos de luxo, que se apresenta em camadas estratificadas de diferentes espessuras. E' um bardilho umas vezes unido, outras ligeiramente venado, de fina cristalisação, dando magnifico polimento e serrando-se com extrema facilidade.

Estas leves notas sobre a riqueza dos preciosos jazigos não poderão deixar de influir no espirito daqueles que se interessam pelo exito da nossa representação e pelo futuro da nacionalidade.

Os marmores portuguezes, sobretudo os de Alvito, estão destinados a ter na exposição do Rio de Janeiro um logar de merecido destaque e a trazer para Portugal uma nova fonte de riquesa, desde que, uma vez conhecidos, a sua exploração se faça por processos modernos em que sejam aproveitados todos os sub-produtos de tão variadas aplicações, como seja o cascalho para béton armado, cimento de marmore, pó de marmore e varios aglomerados para fabrico de aparelhos sanitarios, artigos de luxo, etc., etc.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º



— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente de ácido úrico?
Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.
FARMÁCIA FORMOSINHO:
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18

PROBLEMAS ESCOLARES

A inspecção medica das escolas

O que deve fazer o medico das escolas e como se deve crear a enfermagem escolar

UM LIVRO DO DR. FARIA DE VASCONCELOS

Do livro «Problemas Escolares» do ilustre pedagogo sr. dr. Faria de Vasconcelos e que, em edição da «Seara Nova», se publicou recentemente, extraímos o capitulo intitulado «A inspecção medica das escolas». «Problemas Escolares» é uma obra de grande interesse scientifico e que se torna indispensavel a todos os que se dedicam ás questões de educação contemporanea.

Em todos os paizes adiantados a intervenção do medico na escola tomou uma extensão consideravel sob a influencia das ideias modernas. Essa intervenção funda-se na necessidade duma vigilancia continua do crescimento e desenvolvimento da criança e do adolescente. Por um lado, sendo menos resistentes do que o adulto, estão mais expostas ao contagio das doenças; por outro lado, o crescimento fisico, por si, demanda cuidados que só o medico pode dar, além de que importa evitar tambem a repercussão nociva que as afecções organicas podem exercer sobre o desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais.

Desde já se compreende toda a importancia da missão do medico escolar, no começo exclusivamente repressiva, a de combater as doenças que apareciam na escola, e hoje essencialmente preventiva, a de impedir que essas doenças se possam desenvolver graças ás precauções higienicas que se tomam.

Na grande maioria dos paizes a inspecção medica das escolas é um facto consagrado pelas leis e pelos regulamentos.

Mas para que essa inspecção produza todos os resultados desejados importa que seja observado com rigorosa exactidão um certo numero de condições essenciais.

Não carece de justificação, de tal modo é evidente, a necessidade de que o medico escolar deve possuir uma preparação especial em tudo quanto se refere a problemas educativos. Sem uma solida cultura psicopedagogica a sua intervenção não pode ser completamente fecunda.

Vejamos o que o médico tem que fazer na escola, para examinar em seguida os meios que devem facilitar a sua acção.

O medico tem a seu cargo a inspecção e a vigilancia do edificio escolar e dos seus locais: aulas, salas de trabalhos, pateos, instalações sanitarias, etc., para assegurar as suas melhores condições higienicas de luz, ar, aceio, calefacção, etc., e indicar as transformações necessarias que devem sofrer.

O medico escolar deve igualmente inspeccionar e vigiar as condições higienicas do mobiliario e material escolar: carteiras, colecções, quadros, livros, etc., submetendo-os a eficaz e frequente desinfecção, indicando a melhor distribuição dos alumnos, a sua melhor posição para trabalhar, etc.

Além da inspecção e vigilancia do edificio, mobiliario e material escolares, o medico exerce na escola uma função de altissima importancia educativa e higienica: procede ao exame cuidadoso da criança e do adolescente. Esse exame recai sobre: 1.º a estatura, pêso, perimetros e diametros toracicos, etc.; 2.º sobre as funções sensoriais postas em acção pelo trabalho escolar: visão, audição, motrocidade, etc.; 3.º o estado dos orgãos respiratorios, circulatorios, esqueleto, dentição, pele, etc.; 4.º antecedentes hereditarios, historia clinica do examinando, etc. Os resultados déstes exames—paidométrico, sensorial, fisiologico, clinico — são consignados nas fichas sanitarias cuidadosamente preenchidas e arquivadas.

Com os elementos fornecidos pelos exames o medico escolar encontra-se em condições de poder: *a)* vigiar e orientar a educação fisica; *b)* eliminar da escola as crianças que por uma anormalidade qualquer ou constituem um perigo para as outras ou não podem receber nela os cuidados que exigem; *c)* fornecer aos professores indicações preciosas sobre o regime e a higiene do trabalho que convem aplicar nos diferentes casos concretos: metodos, horarios, recreios, etc.

Tal é nas suas grandes linhas a missão admiravel que o medico é chamado a desempenhar na escola.

A ninguem passa despercebida a sua importancia para a educação geral.

¿Mas o medico realiza realmente na pratica essa missão? Forçoso é confessar que não.

A inspecção e a vigilancia medicas são defeituosas em todos os paises, por varias razões que convem indicar.

Antes de tudo, o numero de medicos escolares é absolutamente insuficiente para a enorme população de alunos que eles têm que examinar. Segundo o regulamento da cidade de Paris o medico tem a seu cargo a vigilancia de 1:000 alunos. Em tais condições é materialmente impossivel que o medico possa preencher os fins que deve realizar, se quizer fazê-lo com a atenção que o seu papel merece.

Importa pois aumentar o numero de medicos escolares de modo que não tenham a seu cargo mais de 100 alunos.

Além disto deve-se criar ao medico escolar uma situação material condigna de modo que os seus serviços na escola possam ser utilizados em melhores condições de frequencia e continuidade.

É de todo o ponto indispensavel que a inspecção medica escolar se faça diariamente —como em Nova York—e não semanal ou quinzenal ou mensalmente, como sucede nalguns países, para assegurar a devida vigilancia higienica.

Mas isto não basta. É preciso que a escola possua as instalações necessarias para que os serviços medicos funcionem convenientemente, tais como: sala para o exame do medico, com todos os aparelhos e instrumentos adequados, sala de isolamento com camas para o caso de indisposição ou acidente dos alunos, farmacia escolar, bem montada.

Claro está, igualmente, que o serviço de desinfecção do material escolar, duma importancia enorme, não poderá ser levado a cabo, se a escola não dispuser duma estufa de desinfecção, seja permanente ou ambulante para um grupo de escolas.

É tambem evidente que a obra do medico escolar não surtirá todos os seus efeitos uteis e precisos se a escola não tiver os meios de assegurar uma vida higienica indispensavel aos alunos: instalações sanitarias, lavatorios em abundancia, serviço de banhos e duches, piscina de natação ou no seu proprio edificio ou fora dele para um grupo de escolas, patios e campo de jogos, cantina escolar. Se o medico deve vigiar na escola o crescimento fisico dos alunos, assegurar a sua evolução normal, é preciso fornecer-lhe os meios indispensaveis. Ora medicina escolar, bom desenvolvimento fisico, falta de alimentação, falta de exercicios corporeos, falta de cuidados higienicos, são coisas que juntas não fazem sentido.

Tambem não faz sentido que se prescreva ao medico o exame dos alunos, que se reconheça a sua absoluta necessidade, que se recomende a eliminação das crianças ou adolescentes que não se encontram em condições favoraveis e que não se estabeleçam, como consequencia natural e logica, clinicas escolares para o tratamento dos doentes, colonias de ferias e escolas ao ar livre e escolas apropriadas para os anormais.

Acresce ainda que os exames dos alunos não fornecerão indicações uteis se não forem feitos com regularidade e frequencia, se as medições não forem periodicas e polimetricas e se o crescimento não fôr estudado com um criterio essencialmente dinamico, á luz da auxanologia.

É facil de compreender tambem que a obra do medico escolar não dará os seus melhores frutos se não se der á sua competencia esclarecida o meio de intervir radicalmente na eleição do edificio escolar.

Em ultimo lugar é duma alta necessidade que a inspecção medica das escolas seja completada pela criação da enfermagem escolar, que tão bons resultados tem dado nos paises onde foi organizada.

Do que fica dito deriva a conclusão inequivoca de que a inspecção medica das escolas, por maior que seja a competencia e a abnegação dos seus agentes, só frutificará generosamente quando fôr rodeada de todas as condições e meios de viabilidade e efectividade. Ora importa que não se lhe recusem os recursos de que carece, se se quere realmente que ela seja um dos factores principais do melhoramento eficaz da raça, ideal que deve constituir um dos motivos poderosos de acção de toda a campanha verdadeiramente educativa.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Marquesa de Abrantes, D. Maria do Carmo da Nazaré de Passos de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), D. Amelia Lencastre de Freitas, D. Joaquina da Silva Canedo, D. Guilhermina Maria de Melo de Vasconcelos e Sousa e D. Vera de Morais Sarmento Cohen.

E os senhores:

Rev. Domingos Nogueira, dr. José Guerreiro Nuno, Jorge de Almeida Coutinho e Lucas (Seixo), Jacob Abecassis, Nuno Francisco Xavier de Siqueira (S. Martinho), José Carlos de Carvalho Barradas, Luís Gama de Azevedo Coutinho e Manuel Carlos de Carvalho Daun e Lorena (Pombal).

A caridade

Em S. Carlos

Assistencia elegante á récita de caridade que ontem se realizou neste teatro, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, a favor dos asilos e oficinas dos rapazes pobres:

Lady Carnegie, madame Padilla e filhas, madame Birch, madame Bonin, madame Graciano, madame Kollen, madame Viscovich, madame Pendal, duquesa de Palmela, marquesas de Gouveia, do Funchal e filha, da Praia e Monforte, e de Fontes Pereira de Melo, condessas da Ponte, de Alferrarede, de Mangualde e filha, de Figueira, de Taboeira, de Arge, de Calhariz, das Galvêas (D. Maria Guiomar) e de S. Miguel; viscondessas de Maiorca, de Alvelos e do Marco e filha, D. Luísa de Vasconcelos Cabral, D. Fanny Davidson Perestrelo de Vasconcelos, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Tereza de Melo e Castro de Vilhena, D. Eugenia de Ornelas Bruges de Oliveira, D. Luisa Cabral Metelo Pinto Barreiros.

D. Maria Teresa Valdez Brito da Cunha, D. Zulmira Franco Teixeira, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen e filha, D. Maria José de Ortigão Burnay Gusmão de Moura, D. Efonina Mackee, D. Maria José de Vilhena de Magalhães Coutinho e filha, D. Joana de S. Mamede Teixeira, D. Maria Inacia Cabral Moncada de Casal Ribeiro de Carvalho, D. Maria das Dôres de Melo e Castro Trigoso, D. Margarida Braamcamp Cardoso de Meneses (Margarida) e filhas, D. Maria Guedes Almeida Coutinho e filha, D. Maria Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Ana Moreira de Carvalho, D. Maria Rita Correia de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria José de Barros Lima Salgado, D. Maria Amelia Burnay de Macedo de Sande e Castro. D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Carolina Heann da Cunha Meneses e filhas, D. Cristina Resende da Silva, D. Angela Pinto Leite Carvajal (Ximenes e Molina), D. Julieta Holtremann Roquete Ricciardi, D. Natalia Muñoz y Tuig, D. Teresa Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Halia Correia Leite, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, madame Coelho, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Maria Bruno Heredia, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques. D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal e filha, D. Maria Fernandes de Aguiar, D. Maria Antonia Tedeschi Placido e filha, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Maria Leonor Correia de Sampaio Roquete, D. Cristina Seabra Ferreira Roquete e filha, D. Amelia Resende da Silva de Melo (Cartaxo), D. Palmira da Costa e Silva, D. Fernanda Betencourt Moreira de Carvalho, D. Elisa Carneiro Bordalo Pinheiro, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Laura de Freitas Branco Sassetti e filhas, D. Emilia Pinheiro Ferreira Pinto Basto e filhas, D. Ester Lencastre Laboreiro, D. Luisa Seixas e filha, D. Maria Luisa Schroeter Reis Somer, D. Piedade de Albuquerque Lobato de Melo, D. Catarina de Melo e Castro de Vilhena de Sousa Rego, D. Julieta da Costa e Silva de Brissac Neves Ferreira.

D. Laura Sauvinet Bandeira, D. Alice Sauvinet Bandeira Basto, D. Corina de Carvalho Megre, D. Maria Inacia, D. Maria Domingas, D. Maria Emilia de Castelo Branco, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria do Carmo Alves de Carvalho Pereira de Melo, D. Maria Henriqueta Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Antonia Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Helena e D. Maria Emilia da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), D. Luisa de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Elvira Diogo da Silva, D. Ilda dos Santos David, D. Arcelina Valente Moreira (Taboeira), D. Maria do Carmo da Camara de Noronha (Paraty), D. Maria Antão de Oliveira Ramires dos Reis, D. Antonia Correia de Sampaio, D. Cristina Teixeira de Azevedo, D. Maria Pereira Pinto Cirilo Machado (Santo Tirso), D. Raquel da Mota Marques de Carvalho, D. Maria Cristina Manuel de Melo Bordalo Pinheiro, D. Sofia Mac-Bride Fernandes, D. Palmira Moutela, D. Laura de Campos, D. Alice e D. Ilda Ferreira, etc., etc.

Pontos de reunião

Agenda

Os pontos de «rendez-vous» elegante ámanhã á noite são: no Chiado Terrasse, «première-reprise», da comedia-burlesca «4.028 Lx.» e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

Em viagem

Regressou ontem ao seu solar, em S. Miguel do Outeiro, o sr. João Madeira da Gama Calheiros.

—Regressam a Lisboa os srs. condes de Farrobo.

Teatro São Luiz

CONCERTOS BLANCH

DOMINGO, 5 — Definitivamente ultimo concerto — **Festa artistica do maestro Pedro Blanch** em que toma parte o grande pianista

VIANNA DA MOTTA

que executará com orchestra obras de Liszt e Cesar Franck — «O septimino de Beethowen» e obras de Vianna da Motta, Flaviano Rodrigues e Manuel Ribeiro em 1.ª audição

Bilhetes á venda

ADVOGADO
FERREIRA DE SOUSA
R. do Crucifixo, 50, 2.º, D.to
Telefone 2680-C

Nacional Telef. C. 2049 Grandioso sucesso
HOJE A magnifica comedia
CARTA ANONIMA
Conjunto excelente
Peça querida das senhoras
Quarta-feira, 8
Estreia da Companhia Francesa de
MADAME PIERAT

TEATRO SALÃO FOZ
Terça-feira, 7
GIGA-JOGA
Revista por sessões
Pela COMPANHIA OTELO DE CARVALHO

EDEN-Teatro
Brevemente
A SEMANA DOS 9 DIAS

CARVÃO VEGETAL-COKE & BRIQUETES

TELEFONE C. 4119
VENDAS AO DOMICILIO EM SACOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.os
RUA DA COSTA, 8, LISBOA

GRANDE HOTEL PORTUGAL
SISTEMA AMERICANO
12, RUA DO AMPARO, 12
LISBOA
Falam-se linguas
Serviço de Restaurant

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Tunis e Cartago

UMA CARTA DA ANTIGA RAINHA D. AMELIA DE BRAGANÇA

Uma visita ao bairro arabe — Uma scena extraordinariamente caracteristica

Minha boa Izabel: Tunis! Horizontes novos, fisionomias novas, novos aspectos. O Sol cai de mais alto, aqui. Por sobre a cidade passam, impregnadas de um sabor morno, lufadas lentas que são a respiração ofegante do Deserto. E é essa talvez a unica imutavel caracteristica, o unico traço genuinamente africano, que a civilização não adulterou ainda, que a Civilização não conseguirá nunca adulterar.

Quando chegámos, pareceu-me que o vapor, por engano, nos tinha levado a uma desconhecida cidade europeia, com a fisionomia geometrica e banal das cidades europeias... E dir-se-ia que era a Africa que, realizado pacificamente o grande sonho de que Charles-Martel quebrou, ha doze seculos, o impeto guerreiro, invadia a Europa povoando-a de albornozes brancos, de turbantes garridos, de barbas hirsutas sob olhares negros, de uma ferocidade melancólica. Por toda a parte formigavam arabes, tomando electricos, fazendo compras, entrando em cafés, sem que a sua grave sizudez quebrasse um instante ao imitar os habitos da velha Europa. Alguns, rompem mesmo o excesso de usar bengala, e, sem qualquer outra alteração no seu classico trajar, enfiam os pés nas botas mais vistosas e estridentemente amarelas, genero *Cacilhas ao domingo.*

Apesar de passarem por nós, como facilmente imaginas, tipos interessantissimos, senti-me a principio como que mistificada... Tinha pensado ver desde logo desvendados todos os segredos do Islam que a nossa curiosidade bebe nas lendas das Mil e uma Noites... E via-os tisnados descendentes de Mafoma passearem de electrico, e via as veladas «damas aristocraticas» cujos país chefiaram correrias sangrentas pelo Deserto, cruzarem magestosamente as ruas, de «caleche»...

Durou pouco, felizmente, esta primeira impressão! Mal entrámos no bairro arabe, levadas por Clément Nataff. o nosso precioso guia, sentimo-nos transportadas ao tal país de sonho que a nossa fantasia ambicionára. As casas, expressão arquitectonica do ciume feroz do mahometano, apenas abrem para vielas intrincadas as suas inexpugnaveis portas—onde a pregaria enferrujada se espalha em arabescos—e o olhar semi-cerrado e negro das suas frestas. As lojas, acanhadas e misteriosas, acumulam-se em ruas estreitissimas, onde mal cabem três pessoas lado a lado; essas ruas são as verdadeiras arterias do organismo indigena da cidade: defendem-nas do Sol e da chuva longas abobadas envidraçadas, que numerosos arcos sustentam,

Os mercadores põem ás portas os mais atraentes especimens do ramo que exploram. Entrámos numa loja que o guia nos disse pertencer ao mais rico mercador de Tunis. Atendeu-nos ele proprio, com uma amabilidade calculista; e emquanto desdobrava diante de nós sucessivas magnificencias, mandou que nos servissem café, o que é uma praxe comercial unanimemente seguida aqui. A saida, curvando-se em grandes salamaleques, pediu-nos os nossos cartões. E ao ver que eramos portuguesas foi buscar, orgulhoso, uma carta amarelecida, devotadamente emoldurada, em que S. M. a Rainha Senhora D. Amelia mandava dizer o seu agrado pela forma por que ele cuidara de bem servi-la. Aquela carta, segundo nos disse, não a dava ele por dinheiro nenhum...

Depois, dirigimo-nos a casa de um bruxo afamado que, afirmava o guia, nos ia desvendar com uma certeza infalivel todos os segredos do futuro... E aconteceu-nos, no caminho, presencear uma scena caracteristica; — junto á porta gradeada do tumulo de um profeta, igual a muitos outros que a cada passo se encontram, uma mulher alta, escrupulosamente envolvida no seu albornoz, quasi apenas uma sombra, gesticulava com violencia, dizendo para além da porta uma infinidade de palavras guturais, ansiosas, exaltadas. Nataff explicou. Era uma mulher infeliz, que maltratada pelo marido, vinha desafogar em queixas ao profeta as suas amarguras conjugais. Parece que o profeta era dotado de um sono excepcionalmente pesado...

Chegámos a casa do bruxo, que nos predisse nebulosos futuros, com toda a certeza aplicaveis ao desenrolar de qualquer vida... A' saida, vi alguns grupos de uma tão acentuada côr local que me propuz fotografá-los. Foi como se alguem anunciasse revolução numa esquina do Chiado... Uns, fugiram; outros, protestaram quasi com furia; outros ainda, estoicos, deixaram-se ficar, com um sorriso. Mas eu... desisti.

Ante-ontem fomos a Cartago. Outra visão de ruinas, mas muito menos evocadoras para mim, na sua desconsolada aridez, do que as ruinas de Pompeia, onde uma emoção tão intensa nos prende! Em Pompeia, as pedras falam por si; em Cartago, temos nós que falar por elas... Disseminadas por uma região aspera e selvagem, são como os ultimos farrapos dispersos de um extinto poderio, que o primeiro vendaval mais forte possa arrebatar para longe. Na volta, passámos por Sidi-Bu-Said, uma aldeia sorridente habitada quasi apenas por judeus ricos. Era dia de festa. Vimos imensos grupos de «abastados capitalistas» que passavam, impecaveis e orgulhosos, bamboleando ao sol riquissimos albornozes de sêda, e deixando atraz de si um rasto insuportavel de sandalo. Seguimos depois para La Marsa, outra terreola de escassas dimensões, menos caracteristica do que a primeira, mas que tem a suprema honra de hospedar o *Bey*. Vimos por fora o grande palacio em que ele vive; passámos mesmo junto de um dos portões; e em boa hora! Guardava-o uma sentinela luxuosamente fardada, um dos mais belos tipos de raça arabe, e mesmo de raça humana, que em minha vida tenho visto! Alto, espadaudo, moreno, de proporções admiraveis, tinha nos olhos, negros e scintilantes como carbunculos, a altiva sobranceria da sua estirpe e um orgulho, um vago desdem, nascidos da soberana consciencia da sua beleza!

Entrámos em Tunis quasi ao fim da tarde, quando já no alto das mesquitas os «muezzins» rouquejavam preces em louvor de Allah...

Deixa que te conte ainda a encantadora visita que ontem fizemos. Um arabe «de categoria» que por acaso vimos no hotel, convidou-nos, habilmente *domado* pela lisonja de Nataff, a ir vêr a sua casa, ácerca da qual, como sucessivamente lhe repetia o guia, nos diziam maravilhas... Fomos. Recebeu-nos a filha mais nova, uma rapariga timida e acolhedora, que nos mostrou a casa. Não podes fazer idéa de como tudo ali é hecterogeneo! A construção em si obedece aos moldes tradicionais:—mas o recheio! Ao lado de um «divan» mouro, uma luzidia comoda de mogno; —realçado por um maravilhoso reposteiro persa, um tremó doirado que dava vontade de chorar... Emfim! Basta dizer-te que me vi forçada a assassinar Chopin num Pleyel desafinado, que aos primeiros acordes se iluminou todo, numa orgia de luz electrica!!

Felizmente, descemos para o pateo interior; aí, nenhuma nota discordante nos feriu. A um lado, uma escrava azafamada jocirava trigo. Outra, muito atenta, bordava. Uma terceira, mais comunicativa, veiu ter comnosco. Todas pintadissimas, como é uso. A que nos recebeu explicou-nos que esta ultima ia casar, poucos dias depois. E quando quizemos saber se gostava do noivo, encolheu melancolicamente os ombros;—nunca o tinha visto! Ficou triste, desde então; e foi ela a ultima que vimos, quando, á saida, nos voltámos para trás. Seguia-nos com o olhar escuro e entristecido, como numa confissão muda de inveja, de nostalgia, pela liberdade que nós podiamos gosar, pela luz do Sol que o nosso Deus nos permite fitar de cara descoberta, por tudo aquilo que ela não tinha! Mas não te engano quando te afirmo que tambem eu, ao afastar-me da calma penumbra daquele pateo, trazia no coração uma vaga inveja, uma nostalgia vaga, de aquela paz sempre igual que elas teem, e que a nossa vida nos recusa!

Muitas saudades.

Tunis, 2.

Virginia Victorino

DFS
Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430 / Telegrafo DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da
Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

TEATRO CHIADO TERRASSE
HOJE — Festa artistica de
JOAQUIM MIRANDA
O JUIZ DE FORA
A'manhã — 1.ª representação nêste teatro da comedia em 3 actos, tradução liberrima de André Brun
4028 — Lx.

POLITEAMA
A's 21,30 Telef. N. 3028
HOJE — Continuação das representações da engraçadissima comedia em 3 actos
AMOR, A QUANTO OBRIGAS
Interpretação notavel da Companhia Lucilia Simões
DOMINGO, 5 — Concerto de homenagem á memoria de
David de Sousa
revertendo o produto em favor de sua mãe, pela Orquestra Sinfonica de Lisboa, sob a regencia de Fernandes Fão.

AVENIDA SUCESSO
Phi-Phi

PARQUE AUTOMOVEL MILITAR

Venda de material circulante

O Conselho Administrativo faz publico que no dia 9 do corrente, pelas 15 horas, se procederá á venda em hasta publica, na Garage Militar da rua do Salitre, do seguinte material:

Torpedo Renaul, 45 HP,	avaliado	em	13:000$00
Limousine Peugeot, 25 HP	»	»	18:000$00
Torpedo Peugeot, 35 HP	»	»	10:000$00
Box car Ford	»	»	5:000$00
Chassis Panhard, 30 HP	»	»	8:000$00
Camion Fiat, 18 BL 3-1|2 T	»	»	11:000$00
Moto sem side-car Royal-Ruby	»	»	2:000$00

As viaturas achar-se-hão em exposição na G. M. desde o dia 6. As condições de venda estão patentes ali e no Conselho Administrativo deste Parque em Belem, todos os dias uteis, das 14 ás 16.

O Tesoureiro,
José Joaquim de Paiva,
Capitão

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Carnaval

O Carnaval da folhinha
Ei-lo em cinzas desfeito...
Três dias apenas dura...
Vamos agora á procura
Dum Carnaval mais perfeito.

Esse dura toda a vida,
Usa dum loup *traiçoeiro,*
Que engana continuamente
A gente desprevenida...
E' um lobo *impenitente*
A perseguir o cordeiro.

Esta máscara de riso,
Inveja esconde e tristeza...
Aquela, de juventude,
Disfarça um velho precoce,
Mais velho de que se o fôsse
E há quem oculte a baixeza
Num dóminó *de virtude.*

Mascarilha de amisade,
Mas com olhos de maldade,
Bôca falsa e mentirosa,
Vê passar, como rival,
Num costume *trivial,*
A mascarilha amorosa..

No Carnaval deste mundo
Tudo, tudo é disfarçado..
O mal, o bem, a ventura...
Quem não anda mascarado
Faz, afinal, má figura.

Maria de Carvalho

No Colegio Militar

Comemorou-se hoje o 119.º aniversario da sua fundação

O Colegio Militar comemorou hoje o 119.º aniversario da sua fundação. Cerca das 14 horas, chegou ali o sr. ministro da Guerra, que foi recebido com as honras do estilo, salvando a artilharia.

No largo da Luz, os alunos fizeram exercicios de infantaria, cavalaria, simulacro de combate por uma divisão de artilharia, instalando por fim um bivaque.

No gimnasio do Colegio apresentaram-se classes de gimnastica sueca, fazendo alguns alunos esgrima de baioneta, florete e espada. Tambem se fez ouvir o «Orfeon» do Colegio.

Tomou parte na festa a banda do batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, conservando-se o edificio patente ao publico durante o dia.

MALAS POSTAIS

A'manhã são expedidas malas postais, pelo «Douro», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, e pelo «Andorinha» para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da Caixa Geral para ambos e fechando os registos ás 9.

A exposição agricola de Johannesburg

A representação portuguesa

Foi aberto um credito de 900 Lb. ouro, para despesas com a representação da provincia de Moçambique, na proxima exposição agricola e industrial de Johannesburg.

SAÍU DO PRELO

"FÓRA DE PORTAS"

— POR —

FERNANDO EMYGDIO DA SILVA

2$50

COIMBRA-EDITORA

(Antiga casa França & Armenio)

UMA FIGURA QUE DESAPARECE

A MORTE DE HENRY BATAILLE

O dramaturgo da piedade e do amor

Algumas palavras sobre a sua obra

Morreu Henry Bataille, o dramaturgo apaixonado de modernidade que em cada uma das suas peças tentava sempre abrir perspectivas e soluções novas para os conflitos das almas. Começou a sua carreira literaria como poeta, escrevendo versos duma simplicidade de aparencia bucolica, sob a qual se ocultava uma febre passional de decadente.

Henry Bataille

O teatro prestes o seduziu e absorveu. Ultimamente o publico recebia-o com patente hostilidade, vendo na sua arte uma perversão de sentimento, contra a qual era necessario acautelar a alma francesa.

Bataille, seguro de si e orgulhoso mesmo no insucesso, não se deixou vencer pelo desanimo: explicava as razões que o levavam não transigir com o que acerbamente o criticavam e censuravam, seguindo o seu caminho na certeza de vencer. Esta confiança dava-lhe força para o trabalho: depois da guerra escreveu e fez representar—*Phalène, Possession* e *La Chair Humaine.*

A' medida que as platéas iam compreendendo o seu pensamento, a sua furia das primeiras recitas convertia-se em aplausos. *La Marche Nuptiale, Maman Colibri* e *Poliche,* maltratadas no principio, fazem hoje parte da *Comedia francesa.*

Bataille era, sobretudo, um mestre do dialogo, que ele tornou plastico, vivo, palpitante e preciso, de maneira a acompanhar todos os caprichos da fantasia e todos os movimentos do coração. A sua prosa prestava-se, como um perfume, para crear um ambiente dramatico. Logo nas primeiras cenas, as suas figuras respiravam, na atmosfera de paixão, em que a sua magoa ou o seu sofrimento deviam encontrar as notas humanas que o seu destino requeria.

Um dia preguntaram a Bataille por que motivo ele não se inspirava no fundo moral da consciencia francesa, evitando assim a acusação de morbido e degenerescente que muitos lhe lançavam. Eis a sua resposta aproximada:

— «Um escritor deve ser livre na sua inspiração, porque, mais tarde ou mais cedo, a sua obra, se fôr um valor autentico, entrará no tesouro da raça». —

Desta maneira, ele permanecia fiel á sua vocação. Isolado, meditativo, pensando as suas comedias e dramas na paz do seu gabinete, oferecendo-as algumas vezes como tributo ao talento duma mulher, ele realisava-as com um esplendor em que os sentidos e os corações transcendiam as miserias da terra. Foi o dramaturgo da piedade e do amor, como ele proprio se denomina. Suprimiu quasi a noção do crime e do pecado. Bataille não condena nem amaldiçoa ninguem.

Todos os homens são irmãos, no seio das suas peças: os idealistas e os utilitaristas, os amorosos e os misticos, os aventureiros e os resignados, os que praticam a lei do dever e os que contra ela se rebelam. Só lhe merecem ternura como filhos do seu engenho. Não admite infamia que se não justifique nem virtude que se não revele fragil. A's mulheres consagrou ele quasi todo o seu teatro: envolve-as em admiração, beijando-as na sua carne, na qual apaga as maculas e os vestigios das culpas.

Nalguns finais de acto, quando, após qualquer discussão tempestuosa, em que dois amantes ou dois esposos, cara a cara, se revelam na dura realidade da sua colera ou da sua revolta, Bataille intervem sempre a favor do mais fraco, amparando-o e protegendo-o, mesmo quando a moral exigia que tal não fizesse.

Glaucias

NO TEATRO AVENIDA

A "première" da "Phi-Phi".

A interpretação portuguesa da celebre opereta parisiense

A senhora D. Raquel de Barros escolheu a primeira representação, em Portugal, da *Phi-Phi,* para fazer a sua festa artistica. Isto coloca-nos pouco á vontade. Queriamos separadamente analisar o trabalho desta artista e a adaptação que os srs. Tomás Ribeiro Colaço e Tito Arantes fizeram da celebre fantasia ou revista parisiense. Estes dois senhores abalançaram-se a um trabalho superior ás suas forças.

Daí resultou que a *Phi-Phi,* que eu muito honestamente confesso não ter lido no original, apareceu ontem no Avenida despida de graça, de malicia e de intenções. Os dois primeiros actos são frios e os *calembourgs* são tão subtis, tão impalpaveis, tão finos que passam despercebidos. Ha alguns *couplets* agradaveis, mas são poucos.

A representação foi muito fria e o dialogo que não tem nada dentro, obrigaram a plateia a bocejar, a aplaudir friamente. De resto, dentro da *Phi-Phi,* da *Phi-Phi* original, havia tipos, caracteres. Ontem, no Avenida, tudo aquilo foi amorfo. Ninguem marcou nem podia marcar. O terceiro acto é o que aborrece menos, onde se boceja menos. Tem um dialogo interessante ao levantar do pano. Mais nada. Com mêdo das constipações, as artistas vestiram-se muito e apertaram os decotes. A sr. Raquel de Barros, em qualquer altura, mais ou menos assim, disse: «não vês, como estou despida?» E mostrou os braços, porque o roupão, o menos grego possivel, guardava religiosamente a sua carne dos olhares do publico. A musica é muito leve, muito original e fica toda no ouvido. Os autores do *Tic-Tac* e de outras revistas congeneres, sentiram-se com certeza roubados...

Em resumo e para poupar espaço: *Phi-Phi* tal como a adaptaram, não tem graça, nem ironia, nem sintilas de espirito. Os adaptadores tiveram todo o cuidado de a tornar uma opereta para familias burguesas, não traduzindo os trocadilhos para evitarem dificuldades. O trabalho assim resulta menos honesto. Amarante esteve pouco á vontade; Satanela venceu, como vence sempre pela sua graça; Raquel de Barros cantou como é costume, nem bem nem mal; o sr. Alves da Silva transtornou a musica final do primeiro acto, com notas de canto que agonizaram no fundo da garganta. Das coristas, ha a dizer que têm pouca flexibilidade, pouca vida, pouco movimento. O que diriam os autores da *Phi-Phi* se a vissem caricaturada na adaptação que foi ontem á scena no Avenida? E' provavel que se queixassem diplomaticamente. O resto, que não se cita, foi tudo muito bem.

A. P.

Os Teatros

Chaby Pinheiro no Porto

A companhia Cremilda de Oliveira-Chaby Pinheiro representou no Porto a conhecida peça «Primerose». A'cerca da peça e do seu desempenho «O Primeiro de Janeiro» diz o seguinte:

Na versão primorosa de Mello Barreto, «Primerose», que aí foi desempenhada com raro brilho pela antiga companhia do Republica, de Lisboa, voltou de novo á scena e só louvores merece a excelente companhia Cremilda-Chaby, proporcionando ao publico a representação da interessante peça, que se ouve ainda com o enlevo e a sedução produzidos no espirito pelas obras de teatro de que se evola como um perfume inebriante, uma impressão sugestiva e encantadora.

O publico de escolha que costuma afluir ás primeiras representações, enlevou-se com a «Primerose», apreciando a interpretação meticulosa e cuidada que lhe deram os melhores elementos da companhia Cremilda-Chaby. Dêstes cumpre especializar o distintissimo actor que é Chaby Pinheiro, pois a personagem do «Cardeal de Mérance» teve no talentoso artista um interprete consciencioso, que representou com aquela sobriedade e naturalidade que são apanagio do seu belo temperamento de artista e das suas brilhantes faculdades de comediante.

Cremilda de Oliveira viveu intensamente o seu papel. Atravessando a scena com a graciosidade e a desenvoltura que a distinguem, a inteligente artista representou com a emotividade e o sentimento exigidos pelas situações mais enternecedoras da peça, sendo justamente aplaudida.

Resta acrescentar que esta companhia tem, em menos de mês e meio, batido o «record» das receitas e dos lucros. As suas médias regulam por três contos diarios, supondo-se que o seu saldo positivo ande já por 60 contos.

Atrás do reposteiro

Despediu-se ontem do publico do Porto, no S. João, a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, com a unica representação da peça de Carlos Selvagem, «Ninho de Aguias». A referida companhia deve ter iniciado hoje a sua «tournée» pelo norte do país, sendo ansiosamente aguardada em algumas terras onde vai pela primeira vez. Em Abril deve estrear-se no Politeama com a peça francesa «Azas Quebradas».

—A empresa exploradora do Eden-Teatro, constituida pelos srs. Antonio de Macedo e Diamantino Delgado, notificou ontem á Empresa Henrique Barreiros, Limitada, que não prossegue a exploração daquele teatro, quebrando deste modo o contracto existente entre as duas. Parece que a razão que determinou este gesto foi o facto da dita empresa haver perdido até agora o melhor de 50 ou 60 contos. Deste modo, se outro caminho se não seguir, a companhia, á frente da qual figura o actor Nascimento Fernandes, ficará subordinada de novo á Empresa Henrique Barreiros, Limitada, a qual terá de continuar a exploração do Eden, ou, se o não quizer fazer, renunciará ao mesmo, indemnizando a empresa proprietaria.

—Armando de Vasconcelos, empresario-director da companhia do S. Luís, realiza a sua festa artistica no dia 17 com a «première» da peça «S. Altesa valsa».

—Na «reprise» que vai fazer-se no Politeama da peça «A Rajada», em festa artistica do actor Ribeiro Lopes, o papel criado por Augusto Rosa será desempenhado pelo festejado.

—Está solucionado o incidente entre o empresario do Aguia de Ouro e o director e ensaiador do mesmo teatro, Augusto Soares.

—Entrou em ensaios no Avenida, para se seguir á «Phi-Phi», a opereta portuguesa «A Perola Negra», de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, para recita da actriz Luisa Satanela.

—«A Manhã» dizia hoje que o actor Teodoro Santos vai ingressar numa das companhias que actualmente se encontram a trabalhar no Porto.

—No Nacional ainda esta época se representarão as peças «Auto do Faroleiro», de D. Branca de Gonta Colaço, e «Cavalgada das Nuvens», de Carlos Selvagem, aquela em duas jornadas e esta em um acto.

—Entrou em franca convalescença a actriz Palmira Torres, societaria do Nacional. Adoeceu a actriz Laura Hirsch, do mesmo teatro.

—Realiza-se hoje, no Terrasse, a festa do actor Joaquim Miranda com a ultima da peça «O Juiz de Fora». Toma parte no espectaculo o actor Eduardo de Sequeira que fará o papel de «Ernesto Pampilhosa», cedido pelo seu colega Froes.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectaculo.
Nacional — A's 21 — «Carta anonima».
S. Luís — A's 21 — Festa de Luís Cardoso.
Politeama — A's 21,30 — «Amor, a quanto obrigas».
Avenida — A's 21-15 — «Phi-Phi».
Apolo — A's 21,15 — Não ha espectaculo.
Chiado Terrasse — Não ha espectaculo.
Eden-Teatro — Não ha espectaculo.
Salão Foz — Não ha espectaculo.
Avenida-Parque — Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios — A's 21,30 — «Box».
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «Pim Pam Pum».
Teatro dos Anjos — A's 20,30 — Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Salão da Promotora (Ao Calvario) — Aos domingos, segundas, quintas e sabados — Animatografo.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

A TRASLADAÇÃO DE HOJE

REPOUSAM NO "PANTHEON" DE S. VICENTE OS RESTOS MORTAIS DO INFANTE D. AFONSO DE BRAGANÇA

Na cerimonia tomou parte todo o elemento oficial, fazendo-se representar o sr. Presidente da Republica

Da capela do Arsenal até á Igreja de S. Vicente de Fora-- As cerimonias religiosas--A entrada da urna no "Pantheon"

(Notas de reportagem)

A capela do Arsenal tem quatro velas altas que ardem palidamente, cinco corôas, o padre Bento da Cunha, antigo chefe dos capelães militares de Africa e o sr. Jaime Atias. Já se rezou a missa, com a assistencia da sr.ª D. Nevada de Bragança, princesa Maria Pia, como se lê nas fitas azues e brancas da corôa, que está sobre o catafalco. A capela é estreita, em cóne; de guarda á urna, quatro soldados.

A duquesa do Porto está um pouco nervosa; ontem, fechou-se na capela, pedindo para sairem os oficiais do exercito e da marinha que por ali se encontravam. O mesmo vestido preto, o mesmo colar de perolas; a boca tem mais *rouge*. Diferente, mais amplo, cobrindo-a até aos pés, o manto funebre da viuvez. A carruagem da presidencia da Republica que a trouxe, leva-a para S. Vicente.

No Arsenal, esburacando-se aqui e ali, no preto da gente que cobre as janelas, encima os telhados e se apinha nos estaleiros, bocas ansiosas, escancaradas. Ha sol e não ha mulheres, a não ser do povo. Aparecem as sobrecasacas, os fracks, as fardas, os generais, dois ministros, o da guerra e o da justiça, deputados monarquicos. Ao longe, diafano, no seu perfil de cavaleiro, eternamente a pé na politica, Matos Cordeiro, em alferés.

O sol é a visita mais constante da capela, o companheiro unico do sr. Jaime Atias e dos quatro soldados, de carabina na mão.

O sr. Carvalho da Silva ainda não almoçou; tem a gravata suja de pó de arroz e os bigodes em pé; o sr. conde de Sabugosa, faixa larga de S. Tiago sobre o peito, vai ouvindo, em segredo, o nome dos que chegam. Tudo a distancia, bem marcado. Era assim: em frente da capela os monarquicos e o sr. Juvenal de Araujo, que ainda não sabe se apresentará ou não os cumprimentos á duqueza; á esquerda destes, as fardas republicanas dos oficiais e o sr. Gomes da Costa, com o *stick* erguido como uma espada; á direita, mais monarquicos, estudantes e oficiais anonimos.

Mas afinal os monarquicos vieram todos. Até se esqueceram de trazer a coroa que D. Manuel, a esposa e a sr.ª D. Amelia, em grupo, mais economico, ofereceram. Ela estava numa montra da rua Nova do Almada e só apareceu em S. Vicente.

No meio dos fracks, das fardas e dos marinheiros, o sr. Custodio José Vieira está um pouco palido e manobra dificilmente. O enterro, em protocolo, foi uma desgraça. Os monarquicos não ligaram com os republicanos; os titulares eram poucos; a maior parte do elemento oficial despediu-se á francesa e «por aqui me sirvo». O sr. Jaime Atias, experimentado, dá conselhos preciosos. Onde está o corpo diplomatico? Ficara de vir, que a sr.ª duqueza convidou mesmo alguns ministros estrangeiros, que não vieram ainda.

Ha tipos curiosos: o sr. Fernando Eduardo Serpa Pimentel tem o chapeu alto com o pelo eriçado e mostra as mãos grossas; o sr. Carvalho da Silva confessa a miudo que não almoçou; infantil, o sr. Juvenal de Araujo está quasi ao pé do ministro da guerra, que traz chapeu armado, banda verde, lunetas e ar grave.

A's 10 horas, o sr. dr. Melo Breyner, seguido da prole, apeia-se do automovel, barba ponteaguda, casacão cinzento e um misterioso embrulho debaixo do braço. E' a bandeira que D. Afonso levou á India. Pede para que ela seja colocada sobre a urna, durante o enterro e no Panteon. O sr. dr. Custodio José Vieira hesita, ele hesita sempre, metido numa dificil diplomacia monarquico-republicana. O ministro da guerra anima-se. Terceiro vai chamar o sr. Custodio José Vieira que, com o pendão glorioso, está em ar de explicar—observação a distancia—ao sr. Correia Barreto, como, donde e para onde vai a bandeira. A conversa dura ha um quarto de hora. Por fim—já mais perto o reporter—ouve: «Está bem! está bem!»

O padre Moura, todo em panos carmezins; e ao lado a cruz erecta na mão do sacristão, vai dizendo, em voz baixa, a prece do estilo, na capela.

D. Afonso de Bragança

Sai a urna, seiscentos e volumosos quilos de prata que custam a carretar para o armão de artilharia, que é puxado a três parelhas. O sr. Custodio José Vieira não se entende lá muito bem com a organização do funeral. Ha frases dele: *Mas então?... Onde estão eles?... E fulano, não veio?... O ministro tal?...*

A urna é trazida por gente do mar, que risca ferozmente com as botarras duras o tampo do armão. A famulagem da agencia funeraria, até um preto que nãos e pôs de luto porque já o estava na mascara, escorre suor, pinga suor. Batem as coronhas das carabinas na pedra. os oficiais que comandam levam os os copos das espadas aos labios; soltam-se as primeiras notas de continencia dos cornetins.

Os bombeiros voluntarios e municipais, os de capacete de metal dourado e os de capacete de ferro, tomam o portão do Arsenal, e cá fóra, o largo do Municipio. Por cima do frontão da Camara, a bandeira, esquartejada de azul e branco, a meia adriça. Largos, opulentos, nada democraticos, os esquadrões da guarda republicana. E desfila o cortejo. Os bombeiros, a mais sincera homenagem que o sr. Custodio José Vieira encontrou para o D. Afonso, já formam no largo.

Ninguem quere ir no cortejo. Todos os que têm automovel, ministros e condes, fardas e *fracks*, o proprio sr. Abel Hipolito, no seu trem da guarnição, com um soldado á boleia, passa á frente. Jaime Atias, em carruagem *Daumont*; um trem vasio; num automovel os srs. Vasco Belmonte e Eduardo Pinto da Cunha. Agora é o governador civil; depois os generais Garcia Rosado e outro. Os ministerios estão cheios de gente; as ruas tambem e a policia mansissima, de maneiras e de palavras, contra o seu costume, calça luvas brancas—são os luvas brancas. Sol e sombra na praça, com o Pelourinho iluminado. Ternos de cornetins ouvem-se, espalham-se na praça e o povo abre a bôca e começa a agitar-se. Passam o portão do Arsenal o carro vermelho dos sacerdotes; o coche com as corôas, o armão da urna, com três parelhas, como já se informou acima. A bandeira da India, sempre lá vem, mas escondida. Protocolarmente a verde e encarnada vale mais e, como a sr.ª duqueza do Porto queria um enterro real, ai o tem agora desfilando, dando a volta á praça, metendo-se pelo Terreiro do Paço, pouco depois na rua da Alfandega, Campo das Cebolas, etc., etc.

Atrás da urna, dois servidores de D. Afonso, um com 25 anos de casa real, o outro com 18 ou coisa que o valha. Logo o sr. Gomes da Costa, bombeiros, mais bombeiros, sempre bombeiros.

* * *

Em S. Vicente, a cantaria da igreja, junto aos tres portões, está vestida de panos negros com franjas de ouro. O largo tem guarda republicana, com luvas, de espada desembainhada, e povo por detraz, com o rosto para a igreja. A passadeira negra vem lá de cima e desce até abaixo ao largo. Ao alto da escadaria, estão os titulares que não foram ao Arsenal, tres representantes de ministros estrangeiros e o sr. ministro de Italia. O recinto está cheio. O largo tem a alegria do sol, o relinchar dos cavalos, a curiosidade do povo guardados pela policia e uma banda, que toca em funeral quando o armão que traz a urna roda em frente. Dobram os sinos.

Os seiscentos e volumosos quilos de prata são esperados no primeiro patamar da escadaria pelo sr. Jaime Atias, louro de sol; no segundo, pelo padre Moura, de roxo, com a cruz, etc., etc.; em cima, pelos monarquicos e pelos republicanos. As tropas que vinham no funeral desfilam; dobram os sinos lamentosamente; a marcha funebre não consegue manchar de tristeza a limpidez da primavera, já anunciada nos galhos tumidos das olaias do largo.

Oficialmente, o enterro foi feito com poucas lagrimas, sem grandes gestos. Em tudo, muita confusão; o protocolo escangalhado, de alto a baixo...

E a urna é ainda levada pelos bombeiros voluntarios. A' entrada da igreja, dificilmente, consegue-se arranjar um turno. O altar entrevê-se iluminado...

* * *

A's 12,25 a urna deu entrada na igreja, aos ombros dos bombeiros municipais e voluntarios. No guarda-vento, fizeram ainda um turno os srs. Jaime Atias, ministro de Italia, senador Augusto de Vasconcelos e encarregado de negocios de Espanha. O sr. cardeal patriarca, nas suas vestes de cerimonia, acompanhado pelo cabido, aguardou á entrada da igreja a chegada da urna. Vão entrando alguns titulares, que beijam, numa [illegible] a mão do sr. cardeal e, logo a [illegible] o sr. arcebispo de Mitilene.

O cortejo dirige-se para o altar-mór, seguido por todo o elemento oficial. [illegible] e proximo da urna, ficam os srs. marqueses de Lavradio e de Gouveia, condes de [illegible]rouca, de Oeiras, de Castelo Melhor e de Ca[illegible]. O corpo diplomatico e os representantes oficiais tomam os seus logares dentro da [illegible] do altar-mór, do lado do Evangelho. A' direita, do sr. cardeal patriarca, o *frack* [illegible] do sr. Jaime Atias, que representa o sr. Presidente da Republica.

Do lado da Epistola, o vulto negro da sr.ª duqueza do Porto. A seu lado, o sr. ministro da Italia.

Entre outros titulares e antigos dignitarios do paço, estes nomes: conde de Mangualde, João de Azevedo Coutinho, conde das Alcaçovas, conde de Bertiandos, no peito a banda da Torre e Espada; conde de S. Lourenço, conde da Arrochela, Antonio Piano, antigo particular do infante; coronel Sena, que foi o

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

PREFERIR O CHÃO SEM FENDAS

"CORTICITE"

(PROPRIO PARA ESTABELECIMENTOS, SALÕES, QUARTOS, CASAS DE BANHO, COZINHAS, TERRAÇOS, ETC.)

É ALIAR O BOM GOSTO Á ECONOMIA E Á HIGIENE

ORÇAMENTOS GRATIS — ENVIAR PEDIDOS AOS UNICOS FABRICANTES

ESTABELECIMENTOS HEROLD, L.DA

Telefone C.-2720 LISBOA R. dos Douradores, 7-1.°, 2.° e 3.°

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

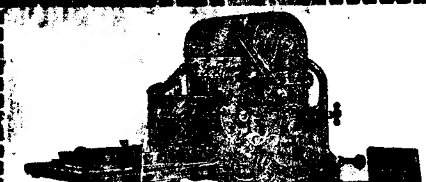
LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner

70 cópias por minuto

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.°

LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

LE COMMERCE INTERNATIONAL D'IMPORTATION ET EXPORTATION, L.de

17, Largo da Biblioteca

Tel. C. 832 LISBOA

CONSERVAS, VINHOS, NOVIDADES PARA SENHORAS

REPRESENTANTES EM

Anvers
Praga
Genova
Salonica
Pyreu
Smyrine
Alexandria
Beyrouth
Burgas
Constantinopla
Helsingfort
Dantzig
Bordeus
Berlim

Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

Empreza Internacional, L.da

Rua Augusta, 76, 1.°

TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346

TELEGRAMAS:---GALVANICA

APARELHAGEM ELECTRICA PARA ALTA E BAIXA TENSÃO

VOIGT & HAEFFNER A. G.

Emprêsa Técnica Industrial, L.da

TEL. C. 854 **292, RUA AUREA, 292** TEL. C. 854

REPRESENTANTES DA FÁBRICA

— LANZ —

LOCOMÓVEIS E SEMI-FIXAS INDUSTRIAIS

EM ARMAZEM E A CHEGAR Á ALFANDEGA GRANDE QUANTIDADE DESTAS MÁQUINAS

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa

Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.° 1227 C. LISBOA

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.° 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.° 237, 1.° ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

OS PROBLEMAS DO DIA

A situação da Russia e a Conferencia de Genova

Vai terminar a propaganda "sovietista"

A conferencia de Genova continúa dando origem aos mais desencontrados boatos.

Mesmo depois de Lloyd George e Poincaré terem marcado definitivamente a data de 10 de Abril para a reunião da Conferencia, surgem varias contradições, e o proprio governo de Moscou se apressa a protestar contra o adiamento, propondo que ao menos se reuna em 23 de Março.

A Russia tem pressa e isso compreende-se. Se as potencias têm ideia de tomar resoluções que auxiliem o seu ressurgimento, deviam apressar a reunião, tomando em conta os milhares de mortos que representa cada dia de atraso. Não é uma situação péssima estabilizada aquela em que se encontra a Russia; é uma situação pessima que se agrava.

Como não bastassem já os horriveis pormenores da catástrofe da fome dados por Nausen, e a enorme extensão que ela abrange, começam agora chovendo telegramas a darem conta de que os ultimos transportes se vêem obrigados a parar.

Formaram-se grandes «trusts» para apressar o resurgimento da industria. Mas que podem fazer os «trusts» sem meios de comunicação?

A fome mata milhões de criaturas porque não ha transportes que lhes levem de comer; a falta deles levará a fome a outras regiões; e quando se disser que os comboios pararam entre Moscou e Petrogrado, as duas principais cidades da Russia, pode avaliar-se quão dificil é já a situação.

No entanto o governo bolchevista não esquece nenhuma das resoluções que podem favorece-lo em Genova: as da razão e as da força.

Por um lado acaba de dar ordem aos representantes russos do estrangeiro de que paralisem a propaganda bolchevista antes e durante a conferencia; por outro, promete aumentar os efectivos do exercito, na prevenção de um ataque armado, e com isso satisfaz os desejos de toda a imprensa de Moscou, que se não encontra muito tranquila ácerca das disposições que vão ser tomadas em Genova.

E talvez tenham razão: Aqui e ali começam a esboçar-se projectos de intromissão nos negocios russos, sob o pretexto de proteger os estrangeiros, á semelhança do que se faz com os cristãos na Asia Menor. *La Depêche* dizia ha dias que os russos, aceitando a forma pueril do governo bolchevista, deram provas de incapacidade para se governarem.

E' possivel que estas insinuações nunca passem de insinuações; no entanto os bolchevistas não deixam de tomar as suas precauções.

A INDEPENDENCIA DO EGIPTO

As conferencias entre Lloyd George e Lord Allenby

E' sem duvida uma grave responsabilidade para um governo o dar a independencia a parte do imperio por cujo poder, autoridade e integridade tem obrigação de velar.

O governo britanico, depois de dar uma independencia restricta e insuficiente á Irlanda, com o que não conseguiu resolver o problema irlandês, acaba agora de oferecer a independencia ao Egipto.

Alguns dos mais notaveis politicos ingleses davam o seu apoio a esta medida; entre eles Lord Allenby, o representante do rei no Egipto, veio a Londres propôr ao governo a opção entre a demissão do seu alto cargo e a liberdade do Egipto.

As negociações entre Lloyd George e Lord Allenby decorreram secretamente e o primeiro ministro britanico, aproveitando a solenidade da ocasião do casamento da princeza Mary, apresentou ao Parlamento a resolução de dar emfim satisfação ás constantes reclamações da nação egipcia.

São ainda desconhecidas as condições secundarias a que essa independencia fica submetida, que dizem sem duvida respeito, principalmente, á primazia da Inglaterra sobre as outras nações no canal de Suez.

Mas os dirigentes do movimento da emancipação egipcia já haviam declarado estarem dispostos a dar essa garantia de primazia. E bem a independencia a situação que o governo britanico oferece ao Egipto. E de crêr que esta preocupação, hoje uma das graves para o governo britanico, tenha desaparecido.

NOVAS DE BERLIM

Uma visão do antigo exercito prussiano

SAEM DE POTSDAM as ultimas unidades da guarda Imperial

A população assiste ao desfile com demonstrações de tristeza

BERLIM, 3.

Sairam hoje de Potsdam as ultimas unidades da guarda imperial que durante seculos serviram de guarda de corpo aos Hohenzollern.

A população de Potsdam, na sua maior parte monarquica, especialmente porque desde o estabelecimento da Republica foi prejudicada nos seus interesses e no seu orgulho, assistiu ao desfile das tropas com grandes demonstrações de tristeza, vendo-se algumas pessoas que choravam quando passaram dois esquadrões de couraceiros e uhlanos da guarda com os seus historicos estandartes. O novo exercito estabelecido conforme as indicações do tratado de paz devia ter dissolvido estas organizações mas os dirigentes do exercito encontraram maneira de as manter criando companhias, baterias e esquadrões encarregados de manter as tradições do antigo exercito.—(U. P.)

A questão das propriedades particulares do ex-kaiser

BERLIM, 3

Os representantes do ex-kaiser e da republica prussiana têm trabalhado para resolver as questões provenientes das compensações a dar á familia Hohenzollern pela perda das suas propriedades particulares, castelos, etc. A Dieta prussiana rejeitou como demasiadamente favoravel aos Hohenzollern a primeira resolução que tinha sido tomada. O ex-kaiser submeteu agora a questão ao Supremo Tribunal Federal para que sirva de arbitro entre as duas partes.—(U. P.)

NOVAS DA AMERICA

Um apelo a todos os cidadãos americanos

O ANO DE 13 MEZES vai ser adoptado pelos Estados Unidos?

Cada mez terá quatro semanas de sete dias—O novo mez "vernal"

NEW YORK, 2

A Associação do Calendario da America dirigiu um apelo a todos os americanos para que estes se interessem pelos trabalhos da Associação, e assistam á reunião que se vai realisar em Washington para reformar o calendario actual. Trabalha-se para que se apresente ao congresso uma lei para que o ano seja dividido em treze mêses de quatro semanas de sete dias. Um dia impar entre vinte e oito de dezembro e o primeiro de Janeiro, seria o dia do ano novo sem data. Nos anos bissextos, o dia a mais seria chamado «dia do ano bissexto» e ficando colocado entre o ultimo dia de Junho e o primeiro de Julho. O novo mês a mais designar-se-ia «Vernal» porque viria no equinocio vernal na primavera. Os partidarios deste calendario dizem que tornar-se-hia desnecessaria por este sistema a impressão de calendarios, porque os dias do mês cairiam sempre nas mesmas datas.—(L. A.)

A natalidade em França

PARIS, 3.—A natalidade continúa a decrescer em França, tendo havido na segunda metade do ano passado menos 2.967 nascimentos do que na primeira.—(R.)

As greves em Johannesburg

Dois chefes grevistas mortos

JOHANNESBURGO, 3—Apesar dos grevistas aumenta, o trabalho no Rand, devido especialmente á protecção mais eficaz prestada pela policia aos que se apresentam para trabalhar. Dois dos principais chefes dos grevistas foram mortos em Boksburg.—(R.)

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais $15 para registo

Telefone: 1:020 — CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51—LISBOA

Ludovice, Limitada

Comissões e Consignações

Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Belesa

R. da Madalena, 36, 2.° — Tel. C. 3379

Secção Fiscal

Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo as sobre avaliações de predios, sobre gremios industriais, cessação de industrias, etc., e respectivos recursos em todos os tribunais—Certidões em todas as repartições publicas — Recursos e mais actos sobre transgressões dos regulamentos fiscais, etc., etc.

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"

CIMENTO ALSEN

EM BARRICAS DE 180 QUILOS

SEMPRE EM ARMAZEM

Portuguese Corporation of Commerce Ltd. — Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.° — Telefs. C. 5092, 5093, 509 — Londres—56, Ludgate Hill

COROAS AUSTRIACAS

Emprestimo de 4 biliões de corôas

Obrigações preferenciais de 5 por cento com garantia de todo o activo mobiliario e immobiliario da cidade de Viena d'Austria, e hipoteca dos terrenos e construções pertencentes á Sociedade Anonima das Forças Hydraulicas de Viena para garantia do

Premio anual de Cr. 50.000:000

Titulos de Cr. 1:000, 10:000, 50:000 e 100:000 — Juro semestral pago em 2 de Janeiro e 1 de Julho de cada ano, a começar em 1 de Julho de 1922, e todos os titulos sujeitos ao premio.

Subscripção aberta na casa:

PANCADA, MORAES & C.ª

Rua Augusta, 37 (esquina da Rua de S. Julião), onde se prestam todos os esclarecimentos

PAGAMENTO: **50 0|0 no acto da subscripção**
50 0|0 contra a entrega dos titulos

Este emprestimo nada tem com os anunciados Bilhetes do Tesouro que não têm qualquer garantia especial.

Lopo de Carvalho
Director do Sanatorio Sousa Martins

Lopo de Carvalho, filho
Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra

DOENÇAS PULMONARES
Calçada do Carmo, 3, 1.° (ao Rocio)

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

A TRASLADAÇÃO DE HOJE

D. Afonso de Bragança ficou hoje em S. Vicente de Fóra

Continuação da 5.ª pagina

ultimo ajudante do infante D. Afonso. O sr. conde de Sabugosa, muito perfilado dentro da sua casaca, o peitilho da camisa coberto pela banda de S. Tiago (gran-cruz), conservou-se sempre durante a missa e o *Libera-me* á cabeceira da urna. Esta foi colocada em cima duma tarima, que quatro leões dourados sustentam. Sobre a urna, a bandeira nacional e a outra bandeira que acompanhou o infante D. Afonso á India. Dos lados, a corôa de crisantemos dos reis de Italia, as saudades, os martirios e as violetas da sr.ª condessa de Edla, as rosas brancas da rainha Margarida, a corôa de D. Manuel e da princesa Augusta Vitoria e as orquideas da sr.ª duqueza do Porto.

O sr. ministro da America, que já não usa a sua farda de diplomata, esperou o cortejo no centro da igreja. A sr.ª duqueza do Porto, que aguardou no coro interior da igreja a chegada da urna, recebeu os cumprimentos de alguns representantes oficiais. O primeiro foi o do sr. Augusto de Vasconcelos.

A's 12 e 30 começou a missa de *requiem*, cantada a grande instrumental. Pelas abobadas da igreja, completamente cheia de gente, rolavam as notas do canto catolico, quasi abafadas pelo sussurro da multidão que se comprime para ver melhor. Sob o espesso véu negro que lhe cobre o rosto, a sr.ª duqueza do Porto leva frequentes vezes o seu lenço bretão aos olhos grandes e redondos. Adivinham-se lagrimas. Na igreja ha muitas mulheres—mulheres da aristocracia, o rosto velado de tristeza, numa saudade, e mulheres do povo, mulheres humildes, que tambem têm lagrimas.

A's 13 e 15 terminou a missa. O sr. Cardeal Patriarca entôa o *Libera-me* e dá a absolvição final, aspergindo a urna.

* * *

A entrada no Pantheon não é coisa facil para o jornalista—que a policia não considera elemento oficial.

—Façam favor de sair. Não pode estar ninguem cá dentro sem chegar o corpo do sr. infante D. Afonso—apressa-se a dizer o porteiro. E as poucas pessoas que tinham conseguido entrar, foram obrigadas a sair, até que a urna désse entrada no Pantheon.

—São as ordens que tenho. A senhora duqueza deseja que não esteja aqui ninguem, antes do corpo entrar — frisa mais uma vez o porteiro.

O cortejo aproxima-se. O ultimo turno, á entrada do Pantheon, é feito pelos antigos ajudantes do infante.

A's 13 e 30 a urna entra no Pantheon. Pouquissimas pessoas conseguem fazer o mesmo. O jornalista é uma delas. A sr.ª duquesa do Porto vem pelo braço do sr. ministro da Italia. A' direita, o sr. Jaime Atias e o sr. conde de Sabugosa. A policia faz correr em seguida os portões de ferro do Pantheon. Os bombeiros pousam a urna á entrada. Inclina-se sobre ela uns momentos a senhora duquesa do Porto. Ouvem-se as orações do ritual, emquanto a urna é colocada sobre o catafalco entre as urnas de D. Pedro IV e de D. Carlos. Cobre-a um pano rôxo e a bandeira que foi do vice-rei da India.

A's 13 e 45 terminou tudo. A' passagem da sr.ª duquesa do Porto, curva-se o cabido. Despedem-se os representantes oficiais. Ficam apenas a sr.ª D. Maria Pia de Bragança e o sr. conde de Sabugosa, que se demoram alguns momentos a conversar. A viuva de D. Afonso quere despedir-se dos bombeiros que conduziram a urna de seu marido—para agradecer a todos. Sai o sr. conde de Sabugosa e ela ainda — deseja ficar sósinha. Mulheres? Não! Ela não quere ver mulheres dentro do Pantheon. E diz baixinho:

—Ha uma que eu tenho visto sempre. Não a quero ver mais!

Cumprem-se os seus desejos. Em frente da urna, a sr.ª duquesa do Porto demora-se ainda um quarto de hora. O sr. dr. Custodio José Vieira acompanha-a á carruagem. O véu negro a cobrir-lhe o rosto e o lenço branco a esconder os olhos, a sr.ª duquesa do Porto desce a escadaria do Pantheon. A carruagem parte.

A TARDE PARLAMENTAR

Elegem-se varias comissões e decide-se da representação nas exequias pelo infante D. Afonso

Uma questão prévia do sr. Alvaro de Castro, estabelecendo a representação proporcional nas comissões

Na ordem dos trabalhos para hoje, figura apenas a eleição das comissões de finanças, orçamento, guerra, administração publica, comercio e industria. E', entretanto, possivel, é mesmo provavel, que qualquer outro assunto se ventile.

* * *

O sr. Domingos Pereira esteve hoje em casa do Chefe do Estado, a transmitir-lhe os agradecimentos da Camara pelos pezames enviados por s. ex.ª pela morte de parlamentares no interregno legislativo.

* * *

São 15 horas quando o sr. Domingos Pereira assume a presidencia e mandou fazer a chamada. Respondem 46 deputados, não estando presente um unico monarquico. Pura gente da oposição...

* * *

A's 15 horas, minuto a mais minuto a menos, o sr. Cunha Leal projecta-se do elevador para a porta da sala das sessões, não sem que os jornalistas lhe preguntem, em côro:

—E a pena de morte? Porque não comunica v. ex.ª com a opinião publica ácêrca de tão importante assunto?

Interrogações estas a que o ex-presidente de ministerio, de ha uns tempos a esta parte pouco comunicativo com a gente das gazetas, responde com a meia duzia de palavras que seguem:

—Por ora, nada posso dizer. Aguardo alguns elementos de argumentação que ainda me faltam, para [illegible] culo que, numa das sessões da semana proxima, já poderei apresentar o projecto...

* * *

Os Passos Perdidos honraram-se hoje com a presença de Jacinto Nunes, uma das mais preciosas reliquias da Republica. Logo á entrada, deparou com o senador monarquico por Lisboa, sr. Oriol Pena. Inimigos? Despeito pela recente derrota eleitoral? Pelo contrario! O sr. Jacinto Nunes, que é um ancião de todo o ponto respeitavel e sem ressentimentos, cai nos braços do seu antagonista, num estreito abraço de velha amizade, e com ele ficou em conversa durante uns momentos...

* * *

Antes da ordem, pede a palavra o sr. Juvenal de Araujo, jovem deputado catolico pela Madeira. E' a primeira vez que fala e apresenta as suas saudações á Camara num tom que merece ao sr. Velhinho Correia um breve comentario:—«Isto é um sermão...» Na verdade, o orador, que recorre ás vezes a expressões como «eloquencia barbara» e «saudações do coração» tem um ar vagamente eclesiastico.

* * *

O segundo orador, o sr. Alvaro de Castro, que inicia as suas considerações como que em familia, envia para a mesa um outro projecto, sobre oficiais milicianos. A sua justificação, que é exuberante, mal se apercebe na tribuna da imprensa. O *leader* reconstituinte produziu ainda algumas considerações sobre as comissões a eleger na ordem do dia, apresentando uma questão prévia no sentido de que todas as correntes parlamentares fiquem nelas representadas, evitando-se assim o sucedido com as comissões de verificação de poderes, constituidas apenas por democraticos e liberais.

* * *

O sr. Carvalho da Silva, depois de lamentar que não esteja presente o governo — são 16,15 — pregunta á camara se, nas exequias de ámanhã por D. Afonso de Bragança, se faz representar. Respondeu-lhe o sr. Domingos Pereira que os deputados têm liberdade de comparecer ou não, propondo o parlamentar realizar a representação oficial. O sr. Almeida Ribeiro, democratico, apreciando a proposta, entende que a camara não tem que se representar, deixando inteira liberdade de procedimento aos seus membros, o que provoca mais algumas considerações do sr. Carvalho da Silva e varios apartes do sr. Sá Pereira.

* * *

O sr. Domingos Pereira, que mantem o criterio anteriormente apresentado, acentua que isso não envolve menos consideração pela memoria de D. Afonso de Bragança, o que compele o sr. Carvalho da Silva a terçar armas de novo pela representação oficial.

* * *

Reforçadas pelo sr. Almeida Ribeiro, as razões apresentadas pelo sr. presidente, o que não obsta que o sr. Carvalho da Silva insista no seu proposito, o sr. Domingos Pereira acaba por resolver o caso, declarando que compareceria nas exequias na sua qualidade de presidente daquela casa do Congresso, acompanhando-o aqueles dos seus membros que o entendam.

* * *

A questão da eleição de Timor, ontem levantada pelo sr. ministro das Colonias, mereceu ainda algumas palavras ao sr. Paulo Menano, liberal, que apresentou um projecto criando um tribunal de verificação de poderes.

* * *

A's 16,55 é lida a questão previa do sr. Alvaro de Castro, propondo a representação proporcional.

Admitida e posta em discussão, falam os srs. Almeida Ribeiro, Carvalho da Silva e Alvaro de Castro, calculando-se, no momento em que fechámos este extrato, que não seja aprovada.

NO SENADO

Um convite para as exequias por alma de Bento XV

A sessão abre á hora regimental.

O sr. presidente dá conhecimento de um oficio, convidando o Senado a fazer-se representar nas exequias que devem realizar-se ámanhã na Sé, por alma de Bento XV. Os srs. Julio Ribeiro, Pais Gomes e Ribeiro de Melo enviam para a mesa varios projectos de lei.

O sr. Joaquim Crisostomo pede alguns documentos relativos á publicidade feita com a Exposição do Rio de Janeiro. Elegem-se em seguida varias comissões, marcando-se a proxima sessão para ámanhã.

CAMBIOS
DIA 3

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	56$00	60$00
'ıLondres, cheque	4 5ı8	4 1ı2
» 90 d. v.	4 3ı4	—
Rio 'ıLondres	7 19ı32	—
'ıParis	1$072	1$101
'ıItália	$612	$634
'ıBélgica	1$012	1$040
'ıSuiça	2$293	2$356
'ıEspanha	1$808	1$921
'ıBerlim	$050	$055
'ıHolanda	4$484	4$609
'ıNova-York	11$720	12$052
Austria	1	3
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$000	1$100

NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 2

Cotação do café, 19$400; Cambio 'ıLondres, 7 5ı8 e 7 11ı16; valor do escudo português, 595 e 650 réis.—(A.)

ADVOGADOS
Pires do Vale
João de Vasconcelos
Luciano Barata
acções e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminais e militares.
Consultas orais e escriptas desde as 11 ás 17 horas.
Rua Augusta, 129, 1.º — LISBOA

A's 16 e 30

Os ministros reunem extraordinariamente?

O conselho de ministros que estava marcado para hoje ficou transferido para amanhã. No entanto, o sr. Antonio Maria da Silva convocou, pelas 15 horas de hoje, extraordinariamente, os ministros para uma conferencia no ministerio do Interior. As 16 e 30 encontram-se na sala da presidencia todos os membros do governo.

Da Arcada informam-nos o seguinte:

«O conselho de ministros está convocado para reunir ámanhã, pelas 10 horas, e não para hoje, como foi noticiado».

A greve da Carris

Ficará o serviço normalizado até ao fim da semana?

Até ao fim da semana, tende a normalizar-se o serviço de viação electrica. A maioria do pessoal apresentou-se hoje na estação de Santo Amaro, a inscrever os seus nomes para ser chamado ao serviço, quando a Companhia assim o entender.

A's 16 horas, o pessoal reuniu na séde do seu sindicato, com enorme concorrencia, vendo-se na assistencia uma grande parte dos que se haviam inscrito.

Depois de terem falado varios oradores, que verberaram com indignação a atitude dos seus camaradas que se apresentaram hoje na companhia, foi resolvido que todos os que se inscreveram façam o acto de reconsideração e continuem na greve até que o «comité» ordene a volta ao trabalho.

Realiza-se hoje, ás 21 horas, uma importante reunião de delegados da União dos Sindicatos Operarios, para apreciarem o movimento da carris.

DOIS OPERARIOS SOTERRADOS

numa obra da Avenida Heliodoro Salgado

Na Avenida Alvares Cabral, ao Rato, abateu hoje, pelas 14 e 30, uma barreira, ficando soterrados os operarios Joaquim de Sousa e Albino Ferreira. Conduzidos ao hospital de S. José, o primeiro recolheu em estado grave á enfermaria de S. Francisco e o segundo foi para sua casa. O empreiteiro da obra, Augusto Vicente, foi detido pela policia, dando entrada na esquadra do Rato. Parece que não se prova a sua culpabilidade, pois tinha prevenido os operarios de que aquela barreira ameaçava ruina.

Depois do Carnaval

Os programas do Condes—Voltam a realizar-se os concertos de arte

Depois das folias do Carnaval o Condes retoma os seus programas escolhidos e volta a realizar os seus magnificos concertos de Arte, o primeiro dos quais já na proxima 4.ª feira vai dar ensejo ao professor Flaviano Rodrigues de fazer-se ouvir num solo de violino. Hoje estreia-se o grandioso *film O impedido*, em 4 partes, em que se apresenta pela primeira vez em Portugal a distinta actriz francesa Natalie Kawanko.

O empolgante *film* de aventuras *A Soberana do Mundo* vai no seu 9 e 10.º episodios que se intitulam *Em busca do tesoiro* e *De vitima a carrasco*, repletos de interesse, marcando a nota comica da noite a esplendida farça *Sua magestade Charlot*, em 2 partes, de impagavel graça.

"INCOMODINE"
GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmacia J. Nobre, Rossio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.